

**Rafael Mangana
Valeriano Piñeiro-Naval
Ricardo Morais**

Universidade da Beira Interior
Portugal

Framing theory in Communication journals: a comparative analysis between Portugal and Brazil

In recent years, studies that tackle framing have multiplied in the field of communication, either from a theoretical point of view, either in empirical analysis. In most works, an analysis is made of how the media frame certain events. In this work, we seek to accurately analyze the growth of framing used in communication studies. For this purpose, we realize a quantitative analysis of 135 scientific articles published in 34 of the main journals in the area of Communication published in Portugal and Brazil between 2007 and 2016. In a comparative approach, we seek to reveal the height of this theory in publications from both countries. The results allow us to conclude that in the articles published in the Portuguese and Brazilian journals the use of the theory has augmented, but also that it was in the journals published in Portugal, where we can verify, proportionally, a greater effort to spread the paradigm, as well as higher rates of publication in other languages.

Keywords

Framing, Scientific articles, Communication research, Portugal, Brazil

A teoria do enquadramento nas revistas de Comunicação: uma análise comparativa entre Portugal e Brasil

Nos últimos anos têm-se multiplicado, no campo da comunicação, os estudos que utilizam o enquadramento (*framing*), quer do ponto de vista teórico, quer em análises empíricas. Na maioria dos trabalhos é feita uma análise da forma como os *media* enquadram noticiosamente determinados acontecimentos. Neste trabalho procuramos analisar precisamente o crescimento do uso do enquadramento nos estudos de Comunicação. Para esse efeito procedemos a uma análise quantitativa de 135 artigos científicos publicados em 34 das principais revistas da área da Comunicação editadas em Portugal e no Brasil entre 2007 e 2016. Numa abordagem comparativa, procuramos revelar o peso desta teoria nas publicações dos dois países. Os resultados permitem-nos concluir que nos artigos publicados nas revistas portuguesas e brasileiras o uso da teoria tem aumentado, mas que é nas revistas editadas em Portugal que se verifica, proporcionalmente, um maior esforço de difusão do paradigma, bem como maiores índices de publicação noutros idiomas.

Palavras-chave

Enquadramento, Artigos científicos, Pesquisa em comunicação, Portugal, Brasil

Introdução

Os estudos sobre o enquadramento (*framing*)¹ registaram nas últimas décadas um crescimento considerável, não apenas em termos de número (Gradim, 2016), mas também de importância. Podemos mesmo dizer que entre as várias teorias utilizadas atualmente no campo dos estudos de comunicação, o *framing surge*, juntamente com o *agenda-setting*, como uma das perspectivas mais utilizadas, sobretudo quando o objetivo passa por analisar a cobertura jornalística e o seu impacto na sociedade. No entanto, apesar da utilização deste conceito se ter generalizado, na área das Ciências Sociais e Humanas, de um modo geral, e nas Ciências da Comunicação em particular, existem ainda muitos caminhos por explorar, devido às múltiplas possibilidades de abordagem desta teoria (Correia, 2016; Cacciatore, Scheufele & Iyengar, 2016).

Neste sentido, se o *framing* é, como Entman o apelida, um “paradigma fraturado” (1993), podemos considerar também que são as suas raízes interdisciplinares que o tornam num dos conceitos mais interessantes de estudar no plano teórico, mas também em termos empíricos. O interesse em analisar este paradigma é ainda maior quando se procura examinar a forma como esse preceito teórico tem sido utilizado por diferentes investigadores, em diferentes países. É precisamente esse o caminho que nos propomos percorrer neste artigo.

Seguindo os estudos que sublinham a importância que esta teoria adquiriu nos estudos de Comunicação nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do século XXI (Bryant & Miron, 2004; Van Gorp, 2007; Weaver, 2007), neste trabalho pretendemos avaliar se essa tendência de crescimento se verifica também no contexto da produção científica realizada em Portugal e no Brasil. Sendo verdade que nos últimos anos têm sido vários os trabalhos produzidos nos dois países a abordar a teoria do *framing* (Castilho & Romancini, 2018; Cogo *et al.*, 2016; Gradim, 2016; 2017; Lima & Teixeira, 2015; Mangana, 2018; Prudencio & Junior, 2015; Rothberg, 2014; Schmidt *et al.*, 2014; Pereira, 2019; Belin, 2019; Natansohn & Brito, 2019; Campos, Coimbra & Oliveira, 2019; Mitozo, Costa & Rodrigues, 2020; Araújo & Prior, 2020; Sampaio *et al.*, 2020), procuramos também perceber, através da nossa análise, quais acabam por ser publicados nas revistas melhor classificadas desta área de estudos.

Propomo-nos assim analisar, numa abordagem comparativa, as revistas científicas da área da Comunicação que tiveram maior impacto no ano de 2016, nas bases de dados *Web of Science*, *Scopus* e *Qualis*, para, a partir delas, identificar os artigos que recorreram à teoria do *framing* entre os anos de 2007 e 2016. Será, portanto, a partir de uma amostra de 135 artigos que empreendemos uma análise que pretendemos que nos permita recolher dados sobre as tendências de publicação nos dois países. Os dados que procuramos recolher são particularmente relevantes se considerarmos que “a diversidade de aborda-

gens do enquadramento permitiu uma visão abrangente do fenómeno” (D’Angelo, 2002), gerou “múltiplas opções conceituais e metodológicas”, mas acabou também por dificultar “a comparação dos resultados da pesquisa ou as possibilidades de generalizações” (Merry, 2020, p. 19).² Assim, tendo por base estes pressupostos e o interesse que este preceito teórico tem suscitado na comunidade académica, este trabalho pretende, através de um estudo de cariz quantitativo, que se pretende rigoroso e clarificador, ser mais um contributo na construção do conhecimento sobre uma teoria.

Em termos de organização, o presente trabalho encontra-se dividido em quatro partes. Num primeiro momento procuramos olhar para as origens do conceito de enquadramento, com o objetivo de perceber como a teoria evoluiu, ainda que mantendo sempre as suas ligações à natureza multidisciplinar. Num segundo momento destacamos o facto de a pesquisa sobre *framing* na área da comunicação ter vindo a registar importantes contributos por parte de diferentes investigadores nos dois países em análise, ainda que considerando quase sempre as mesmas abordagens e objetos de estudo. No terceiro ponto apresentamos os objetivos e as perguntas de investigação que nos guiaram neste trabalho, bem como os procedimentos metodológicos adotados para a constituição do *corpus*, seleção da amostra e definição dos critérios de análise dos artigos. Encerramos o trabalho com a apresentação e discussão dos principais resultados obtidos com a recolha de dados e o tratamento estatístico efetuado, seguido das considerações finais e de algumas pistas para o desenvolvimento de trabalhos no futuro.

Uma breve viagem às origens do enquadramento

Da Sociologia à Ciência Política, passando pela Psicologia, mas também pela Comunicação, a teoria do enquadramento tem sido amplamente utilizada, sobretudo nas últimas décadas, nas mais variadas disciplinas das Ciências Sociais e Humanas (Correia, 2016; Gradim, 2016). A natureza multidisciplinar do conceito explica-se facilmente, uma vez que o *framing* se encontra, desde as suas origens, ligado a múltiplas áreas do saber. Neste ponto propomos precisamente um breve regresso às raízes do conceito, para se perceber como este evoluiu e por que motivo Entman (1993) o considera como um “paradigma fraturado”.²

Podemos dizer que o *framing* se encontra, nas suas ori-

¹ Neste artigo utilizaremos tanto o termo em inglês (*framing*) quanto a sua tradução em português (*enquadrar*), para nos referirmos, quer à teoria em análise, quer ao conceito em si. De igual forma poderemos utilizar *frames* (em inglês), bem como *enquadramentos* ou *quadros* (em português) para falarmos dos princípios de seleção, organização e ênfase de determinados aspetos da realidade.

² “The diversity of approaches to framing has allowed for creativity and for a comprehensive view of the phenomenon (D’Angelo, 2002). However, it has also yielded a wide range of conceptual and methodological choices, making it difficult for scholars to compare research findings or to draw generalizations” (Merry, 2020, p. 19).

³ A ideia de fraturas nas origens do conceito de *framing* também é defendida por Mauro Porto (2004), que entende que “os usos da noção de enquadramento são tão numerosos e variados, que surgem dúvidas quanto à possibilidade de construção de um marco teórico claro, sistemático e coerente, a partir do conceito. Alguns autores chegam mesmo a concluir que, considerando a variedade dos tipos de enquadramentos existentes, seria ingênuo pretender construir uma teoria única e abrangente (p. 90).

gens, ligado, por um lado à Psicologia e, por outro, à Sociologia (Pan & Kosicki, 1993). O facto de estar associado desde o início a estas duas disciplinas fez com que desde cedo fosse definido de formas distintas (Merry, 2020). Na abordagem do conceito de *framing* começamos por considerar o trabalho realizado pelo antropólogo Gregory Bateson, que ainda na década de 50 do século XX, foi o primeiro a apresentar uma primeira formulação da noção de enquadramento. Nos seus estudos sobre esquizofrenia, Bateson acabou por abordar o conceito quando tentava encontrar explicações para a forma como as pessoas interagiam umas com as outras. Neste processo emergiram pela primeira vez aquilo que o autor entendeu como sendo “quadros de sentido”, ou seja, um entendimento do enquadramento ligado à ideia de “contexto”, uma vez que as mensagens adquiriam determinado sentido em função do momento e do contexto. Bateson considera então que “qualquer mensagem que implícita ou explicitamente defina um enquadramento, *ipso facto* dá instruções ou ajudas ao recetor na sua tentativa de compreender as mensagens contidas no enquadramento” (Bateson, 1972, p. 188).⁴ No texto “*A theory of play and fantasy*”, Bateson destacou a interação e a partilha de sentidos como aspetos centrais para a compreensão do enquadramento. Depois desta abordagem inicial, seria com um contributo do campo da sociologia que assistiríamos a um aprofundamento do conceito de *framing*. No trabalho “*Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*”, Erving Goffman defende que a posição dos *frames* não se circunscreve aos acontecimentos, mas está também presente na mente de cada indivíduo. Os *frames* passam então a ser entendidos enquanto “quadros de experiência”, uma vez que definem premissas de ação e configuram-se, desse modo, enquanto representações mentais que “(...) auxiliam o seu utilizador a localizar, perceber, identificar e classificar um número infinito de ocorrências aparentemente semelhantes” (Goffman, 1986, p. 21).⁵ O sociólogo fala ainda de um “*schemata of interpretation*” ou “esquema de interpretação” que é construído pelos sujeitos e que é determinante na atribuição de sentido às experiências diárias. Os enquadramentos são assim definidos, à luz da sociologia, enquanto marcos que permitem a interpretação da realidade, mas que resultam de um processo de construção social.

A definição de Goffman acabaria por se tornar um marco no estudo do enquadramento, ao mesmo tempo que viria a influenciar grande parte dos trabalhos que se seguiram. Foi precisamente o que aconteceu nos estudos de Comunicação, onde o conceito viria a ser introduzido pela também socióloga Gaye Tuchman, mas tendo na base do seu trabalho os estudos de Goffman. Na obra “*Making News*” (1978), a autora vai argumentar que o enquadramento é uma característica presente em todas as notícias, na me-

dida em que são “um recurso social cuja construção limita um entendimento analítico da vida contemporânea” (Tuchman, 1978, p. 215).⁶ Os enquadramentos noticiosos acabam assim por definir a realidade e orientar o entendimento da vida quotidiana, uma vez que funcionam como ideias organizadoras. No âmbito jornalístico, os profissionais trabalham tendo em conta precisamente essas regras organizacionais, que condicionam o seu campo de ação. Mas a socióloga americana vai mesmo mais longe ao considerar que as notícias não se limitam a refletir a realidade, acabando por construí-la, na medida em que ao exporem certas conceções, acabam por contribuir para alterar a perceção dessa mesma realidade.

O trabalho de Tuchman, apesar de ter sido alvo de algumas críticas, sobretudo pelo facto de não abordar em detalhe a forma como os enquadramentos noticiosos representam a realidade (Scheufele, 1999), acabaria por servir de ponto de partida para alguns dos trabalhos que viriam a estudar o enquadramento no campo do jornalismo. Nesse sentido, importa destacar um desses estudos, o de Todd Gitlin, que propôs uma definição mais clara do que podem ser considerados como os enquadramentos dos *media*. Na obra “*The Whole World is Watching: Mass Media in the Making and Unmaking of the New Left*” (1980), Gitlin define os enquadramentos enquanto “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais aqueles que trabalham os símbolos organizam habitualmente o discurso, tanto verbal como visual” (1980, p. 7).⁷ A definição do sociólogo americano tem o mérito de ajudar a compreender a importância que os enquadramentos adquirem na organização do discurso, uma vez que ao selecionarem e enfatizarem determinados aspetos, os *media* acabam por promover uma determinada interpretação por parte das próprias audiências.

Depois de Gitlin foram vários os autores que se dedicaram aos estudos dos enquadramentos, nomeadamente nos *media* e no jornalismo (Patterson, 1980; 1993), e procurando ainda estabelecer uma relação entre estes e o sistema político (Gamson & Modigliani, 1987; 1989), ou seja, tentando perceber como o enquadramento dos meios de comunicação podia influenciar a opinião pública em relação aos assuntos da esfera política. Neste trabalho não pretendemos fazer uma revisão exaustiva de todas as abordagens dos enquadramentos, mas apenas realçar os autores e perspetivas que acabaram por ser marcantes ao nível das origens do conceito.

Nesse sentido, não podemos deixar de referir o trabalho desenvolvido por Entman (1993), que numa tentativa de sistematização dos enquadramentos dos *media* se depara com a necessidade de definir os enquadramentos através da apresentação das suas características mais importantes. Assim, para Entman “enquadrar (*framing*) é selecionar alguns aspetos da realidade percebida, e torná-los mais salientes numa comunicação, de tal modo que se promo-

⁴ “Any message, which either explicitly or implicitly defines a frame, *ipso facto* gives the receiver instructions or aids in his attempt to understand the messages included within the frame” (Bateson, 1972, p. 188).

⁵ “Whatever the degree of organization, however, each primary framework allows its user to locate, perceive, identify, and label a seemingly infinite number of concrete occurrences defined in its terms” (Goffman, 1986, p. 21).

⁶ “(...) is a social resource whose construction limits an analytic understanding of contemporary life” (Tuchman, 1978, p. 215).

⁷ “Media frames are persistent patterns of cognition, interpretation, and presentation, of selection, emphasis, and exclusion, by which symbol-handlers routinely organized discourse, whether verbal or visual” (Gitlin, 1980, p. 7).

va uma definição particular do problema, interpretação causal, avaliação moral, e recomendação de tratamento” (Entman, 1993, p. 52).⁸ É também na linha de Entman que Gradim (2016) realça que o “*frame*, seleciona e ilumina certa informação tornando-a mais saliente, e é utilizada para construir argumentos sobre causas da situação, avaliação e solução. Chama a atenção sobre certos aspetos da realidade, obscurecendo outros” (p. 47).

Para terminar este ponto, onde procurámos traçar um caminho até as origens da teoria do *framing*, importa destacar que como forma de ultrapassar algumas das diferentes interpretações do conceito, os diferentes investigadores procuraram criar tipologias de *frames* que ajudassem na afirmação do enquadramento no âmbito dos estudos em Comunicação (cf. Correia, 2016, p. 10). Também aqui o trabalho de Entman se destaca, uma vez que na tentativa de clarificação do paradigma, o autor acaba por sugerir uma divisão entre “*frames* mediáticos” e “*frames* de audiência” (1993, p. 56), delimitação que se viria a revelar muito útil nos diferentes estudos que entretanto se realizaram com base neste paradigma. Esta tipologia deu assim origem a diferentes correntes de estudos, por um lado, aqueles que procuram identificar os *frames* nos conteúdos jornalísticos (Patterson, 1994; Semetko & Valkenburg, 2000), por outro, os que estudam a forma como os indivíduos percebem, organizam e interpretam a informação transmitida nas peças jornalísticas (Valkenburg, Semetko, & de Vreese, 1999), sem esquecer aqueles que se dedicam a analisar os *frames* nas notícias e os efeitos desses *frames* no público (Cappella & Jamieson, 1997; Iyengar, 1991). No seguimento destes estudos viriam ainda a surgir outras classificações dos *frames*, nomeadamente aquela apresentada por De Vreese, com base no trabalho de Iyengar (1991), que distingue entre *frames* temáticos e episódicos, e portanto mais ou menos abrangentes em termos da atribuição de responsabilidades, bem como outras classificações, como aquela que considera os *issue-specific frames* e os *generic frames* (De Vreese, 2002), em função da natureza do tipo de eventos ou tópicos abordados. Não nos vamos deter sobre as diferentes classificações, uma vez que, como referimos, o nosso intuito neste ponto foi apenas o explorar, de forma sucinta, as origens da teoria do enquadramento. No ponto seguinte dedicamo-nos a explorar algumas das tendências do uso da teoria do enquadramento nos estudos desenvolvidos pelos investigadores dos dois países em análise neste trabalho.

O uso do *framing* nas pesquisas de Comunicação em Portugal e no Brasil: a ênfase nos enquadramentos noticiosos e a relação com o campo político

Como verificámos no ponto anterior, a teoria do enquadramento apresenta, desde as suas origens, uma natureza multidisciplinar, podendo ser utilizada nos mais diversos estudos, em áreas como a Sociologia, a Ciência Política, a Psicologia ou a Comunicação. No contexto dos dois países em análise neste trabalho, a situação não é diferente e o estudo dos enquadramentos expandiu-se de tal forma que são várias as áreas do saber, dentro das Ciências Sociais e Humanas, que os utilizam, seja do ponto de vista teórico, seja em análises empíricas.

No campo de estudos da Comunicação, central nesta in-

vestigação, esta teoria tem sido particularmente utilizada pelos investigadores, o que no entender de Mendonça e Simões (2012) se deve ao facto de “heurísticamente rica e bastante maleável, a noção se adaptar a diferentes problemas de pesquisa, embasando abordagens metodológicas distintas” (p. 187) o que tem permitido o estudo de “objetos tão diversos como campanhas políticas, *reality shows*, grandes eventos públicos, movimentos sociais e conversas informais” (ibidem).

A teoria do enquadramento tem de facto sido utilizada, teórica e metodologicamente, num conjunto vasto de investigações pelos pesquisadores dos dois países para tratar os mais variados objetos de estudo, destacando-se neste contexto trabalhos sobre direitos humanos (Rothberg, 2014), crises económicas e financeiras (Pereira, 2019), fenómenos migratórios (Cogo *et al.*, 2016; Mangana, 2018), movimentos sociais (Prudencio & Junior, 2015), questões de género e feminismo (Castilho & Romancini, 2018; Belin, 2019; Natansohn & Brito, 2019), temas políticos (Lima & Teixeira, 2015; Campos, Coimbra & Oliveira, 2019; Mitozo, Costa & Rodrigues, 2020; Araújo & Prior, 2020; Sampaio *et al.*, 2020), para referir apenas alguns temas.

No entanto, apesar da variedade de abordagens, é interessante verificar que existem aspetos comuns nos diferentes estudos, bem como outros que sobressaem, apesar da diversidade de análises. Referimo-nos em particular ao facto de grande parte dos trabalhos considerar os enquadramentos a partir dos *media*, ou seja, estudar o impacto dos enquadramentos noticiosos, mas analisar também a relação desse tratamento da realidade, feito pelos meios de comunicação, no campo político. É assim, por exemplo, no trabalho de Araújo e Prior (2020), em que são analisados os *frames* presentes nos editoriais de jornais internacionais e brasileiros durante a cobertura da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro em 2018. É também assim no trabalho de Sampaio *et al.* (2020), uma vez que os autores “procuram analisar como se deu a construção narrativa da destituição da presidente Dilma Rousseff nos principais jornais brasileiros, avaliando tanto categorias da narrativa quanto do enquadramento noticioso” (p. 110). O mesmo tipo de análise e relação está também presente no trabalho de Campos *et al.* (2019), quando os autores procuram, “a partir da relação simbiótica entre o campo político e a instância midiática” discutir “as relações de poder exercidas por esses campos e sobre o conceito de enquadramento noticioso” (p. 5). Encontramos também estudos semelhantes, mesmo quando são considerados os *media* sociais, como no trabalho de Mitozo, Costa e Rodrigues (2020), uma vez que os autores “analisam como os tweets do presidente Jair Bolsonaro que pautaram três dos maiores jornais de circulação nacional no Brasil (...) foram abordados pelo jornalismo”, procurando dessa forma “identificar o enquadramento que os jornais adotaram e se ele condizia com a abordagem de Bolsonaro” (p. 156).

Consideramos assim que existe uma abordagem comum dos diferentes estudos a partir dos meios de comunicação e em particular das notícias e dos textos de opinião, mas também uma tendência de estabelecer uma relação com os fenómenos políticos. Por outro lado, não podemos deixar de referir que grande parte das temáticas hodiernas e que mais discussão pública promoveram, seja no campo político, seja em relação às questões de géne-

ro e em específico ao feminicídio, no caso do Brasil, têm sido estudadas a partir da teoria do *framing*. No fundo, o que procuramos realçar, é o facto de este ser um preceito teórico a que os investigadores recorrem com frequência para tratar alguns dos temas mais prementes da atualidade.

Mas se é verdade que nos parece existir uma tendência de associação entre a teoria do *framing* e os estudos no campo da política, a verdade é que a utilização do enquadramento se expandiu, como o comprovam não apenas os estudos referidos, mas também os artigos analisados e que constituem o *corpus* do presente trabalho. No entanto, para Mendonça e Simões (2012), “a ampla utilização do conceito pode gerar duas consequências perigosas”. Os autores consideram que existe um risco ao nível do próprio entendimento do conceito, uma vez que ao expandir-se para “abarcar fenômenos diferentes, há prejuízos no que concerne à sua exatidão” (p. 187), para além de, na linha de Entman (1993), entenderem que se pode assistir a uma “fratura do conceito”, devido à sua utilização em “terrenos teóricos distintos” (Mendonça & Simões, 2012, p. 188). Apesar dos perigos, os autores consideram também que a expansão do conceito tem permitido explorar novos caminhos de investigação, mas que é fundamental, nesse processo de ampliação das possibilidades de uso do *framing*, ter consciência do modo como o conceito tem sido trabalhado. É neste sentido que estabelecem uma categorização centrada em três eixos:

O primeiro é composto por estudos que enfocam e analisam a situação comunicativa, buscando pensar a maneira como mensagens metacomunicativas participam de sua definição. Uma segunda vertente inclui pesquisas que adotam o enquadramento para realizar análises de conteúdo discursivo, explorando as molduras e as saliências produzidas por enunciados. Por fim, a terceira perspectiva dedica-se ao estudo de *frame effects* produzidos pela adoção estratégica de discursos (Mendonça & Simões, 2012, p. 191).

É a partir destas três vertentes que os autores procuram chamar a atenção para as diferentes operacionalizações possíveis do conceito do enquadramento, destacando, no entanto, que apesar das variações no tipo de estudos, os discursos dos meios de comunicação têm sido privilegiados nas análises.

O tipo de sistematização que Mendonça e Simões procuraram fazer sobre o modo como o conceito de enquadramento tem sido operacionalizado é importante no conjunto dos estudos que pretendem refletir sobre os usos de uma determinada teoria e assim contribuir para o seu desenvolvimento no futuro. É também nesta linha que podemos considerar o trabalho que Anabela Gradim produziu em 2016, intitulado “*Framing: o enquadramento das notícias*”. Na obra, a autora realiza uma importante sistematização da teoria do enquadramento, destacando, entre outros aspetos, a sua aplicação nos estudos de *media*, o que reforça a tendência já evidenciada neste trabalho de uma análise recorrente dos enquadramentos noticiosos. Mas a autora destaca também que com o aumento considerável do número de estudos sobre enquadramento (*framing*) as abordagens foram-se multiplicando não apenas de acordo com a pluralidade da origem do conceito, mas também em termos metodológicos. Assim, se é verdade que “os estudos de *framing* podem ser usados no campo dos *media* como uma técnica qualitativa de

análise de conteúdo”, a autora lembra também “que não existe uma metodologia unificada para aplicar ao estudo das *frames*, nos media como na comunicação política” (Gradim, 2016, p. 74). Esta referência à diversidade metodológica é importante, desde logo porque neste estudo comparamos duas realidades distintas em termos de investigação, como são aquelas de Portugal e Brasil, mas também porque esta dimensão abrangente em termos de aplicação da análise do *framing*, nos recorda a importância de continuar a desenvolver trabalhos que permitam um aprofundamento da teoria, nomeadamente ao nível da definição e análise dos *frames*.

Encerramos este ponto, onde procurámos realçar algumas das tendências ao nível do uso do *framing* nos dois países em análise neste estudo, com uma breve referência ao trabalho que tem sido realizado em termos de dissertações e teses académicas com recurso ao *framing*. Não sendo o objeto de estudo deste artigo, não podíamos deixar de referir que a teoria do enquadramento não tem marcado apenas a divulgação científica no que diz respeito aos artigos e às revistas, os nossos elementos centrais de análise. Também a nível académico, nomeadamente em dissertações de mestrado e teses de doutoramento tem sido frequente encontrar trabalhos que recorrem ao *framing*, seja do ponto de vista teórico, para abordar a construção da realidade por parte dos meios de comunicação, seja do ponto de vista empírico, numa tentativa de analisar o modo como os enquadramentos noticiosos podem influenciar diferentes dimensões da esfera social. Não tendo dados sistematizados para apresentar a este respeito, fazemos apenas esta referência, destacando a importância de no futuro serem realizados estudos que olhem para esta tão importante área da investigação académica.

Depois desta contextualização inicial, no ponto seguinte recordamos os objetivos centrais do trabalho, bem como as perguntas de investigação que nos guiaram. Expomos também os procedimentos metodológicos empreendidos para a seleção da amostra e a análise dos artigos nas principais revistas da área da Comunicação de Portugal e Brasil

Objetivos da investigação e procedimentos metodológicos

No seguimento de um conjunto de trabalhos anteriores, que procuraram analisar o modo como o *framing* tem sido utilizado enquanto teoria nos estudos de Comunicação (Ardèvol-Abreu, 2015; Martínez-Nicolás & Saperas, 2016; Gomes, 2017; Piñeiro-Naval & Mangana, 2018, 2019), neste artigo procuramos estabelecer uma análise comparativa, considerando em particular o modo como o enquadramento tem sido usado como base para os artigos publicados nas revistas de dois países que fazem parte da comunidade lusófona, Portugal e Brasil, num período de tempo específico, ou seja, entre 2007 e 2016. Para realizarmos este levantamento e efetuarmos a comparação desejada, socorremo-nos da bibliometria, enquanto “técnica quantitativa e estatística”, que nos permite “medir índices de produção e disseminação do conhecimento” (Lopes *et al.*, 2012, p. 1) e, dessa forma, ter uma melhor perceção da importância que uma determinada teoria assume em termos de suporte teórico para a investigação num determinado momento.

Apesar de a abordagem que propomos não ser inédita, uma vez que no âmbito das principais revistas científicas publicadas em Portugal e no Brasil são vários os estudos de tipo bibliométrico, com objetivos semelhantes, que têm sido realizados (Silva *et al.*, 2010; Araújo & Melo, 2011; Mugnaini *et al.*, 2014; Osinski *et al.*, 2015; Moura *et al.*, 2015; Brum *et al.*, 2016; Saperas & Carrasco-Campos, 2018, entre outros), consideramos que existe ainda espaço para trabalhos que procurem, de forma sistematizada, apresentar dados sobre o modo como este preceito teórico tem ganho espaço no âmbito das pesquisas em Comunicação. Acreditamos que trabalhos desta natureza são sobretudo relevantes se apresentarem os resultados de forma organizada, e tiverem, ao mesmo tempo, uma abordagem comparativa, ou seja, se contribuírem para uma análise das tendências de investigação empreendidas por diferentes investigadores em revistas de países distintos. É precisamente com este objetivo que realizamos este trabalho, uma vez que centramos a nossa análise e exposição numa lógica de comparação entre o uso do *framing* nos artigos publicados em revistas portuguesas e brasileiras.

Depois de apresentado o principal objetivo do trabalho, importa também perceber quais as questões de investigação que nos guiaram, para de seguida ficarmos a conhecer os procedimentos metodológicos adotados. Assim, tendo em conta o conjunto de trabalhos de natureza bibliométrica já realizados sobre a teoria do enquadramento, considerámos quatro perguntas de investigação como centrais para o desenvolvimento do nosso trabalho:

– PI₁: No período de análise considerado (2007-2016), qual tem sido a evolução dos artigos que utilizam a teoria do *framing* nas principais revistas de Portugal e Brasil?

– PI₂: Qual o peso relativo da teoria do *framing* nas revistas científicas consideradas, em função dos países a que estas pertencem?

– PI₃: No contexto do esforço de internacionalização seguido pelas revistas analisadas, qual a língua dominante dos trabalhos que utilizam o *framing*?

– PI₄: Considerando a abordagem comparativa seguida neste trabalho, que universidades, centros de investigação e autores se destacam nos artigos que recorrem à teoria do *framing*?

Conhecidos os objetivos e as perguntas de investigação que orientaram o nosso trabalho, apresentamos de seguida os procedimentos metodológicos adotados, começando desde logo com a explicação dos critérios utilizados para a escolha das revistas a analisar nos dois países considerados neste trabalho. Assim, as revistas científicas foram selecionadas tendo em conta o seu fator de impacto nas bases de dados *Web of Science*, *Scopus* e *Qualis* (nos três primeiros patamares: A1, A2 e B1), na área de “Comunicação/Informação”, tendo como referência o ano de 2016. Identificado o conjunto de revistas que cumpriam estes requisitos, num segundo momento selecionámos as publicações que continham pelo menos um artigo científico que recorresse à teoria do *framing* no período em análise. Este procedimento permitiu-nos considerar um total de 34 revistas para análise, ou seja, a amostra estudada, tendo em conta o *corpus* total de revistas (ver Tabela 1).

Nº	TÍTULO DA REVISTA	RANKING (2016)	PAÍS	PERÍODO PUBLICAÇÃO	N.ºS ANALISADOS	TOTAL	FRAMING
1	Dados	0,292 (A2-CR-Q4)	BR	1996 - Atualidade	v.50, n.1 - v.59, n.4	300	1
2	Observatório (OBS)	0,17 (SJR-Q3)	PT	2007 - Atualidade	v.1, n.1 - v.10, n.4	543	23
3	Comunicação e Sociedade	0,1 (SJR-Q4)	PT	1999 - Atualidade	v.11 - v.30	255	3
4	Estudos em Comunicação	0,1 (SJR-Q4)	PT	2007 - Atualidade	n.1 - n.23	311	2
5	E-Compos	A2 (Qualis)	BR	2004 - Atualidade	v.8 - v.19, n.3	377	3
6	Em questão	A2 (Qualis)	BR	2003 - Atualidade	v.13, n.1 - v.22, n.3	318	1
7	Famecos	A2 (Qualis)	BR	1994 - Atualidade	v.14, n.32 - v.23, n.supl.	485	5
8	Galáxia	A2 (Qualis)	BR	2001 - Atualidade	n.13 - n.33	329	3
9	História, Ciências, Saúde	A2 (Qualis)	BR	1994 - Atualidade	v.14, n.1 - v.23, supl.1	588	1
10	Intercom	A2 (Qualis)	BR	2003 - Atualidade	v.30, n.1 - v.39, n.3	251	2
11	Mitizes	A2 (Qualis)	BR	2007 - Atualidade	v.1, n.1 - v.10, n.3	242	5
12	Opinião Pública	A2 (Qualis)	BR	2000 - Atualidade	v.13, n.1 - v.22, n.3	200	4
13	Sociedade e Estado	A2 (Qualis)	BR	2000 - Atualidade	v.22, n.1 - v.31, n. Esp.	280	1
14	Alecu	B1 (Qualis)	BR	2000 - Atualidade	v.7, n.14 - v.16, n.33	297	1
15	Ambiente e Sociedade	B1 (Qualis)	BR	1999 - Atualidade	v.10, n.1 - v.19, n.4	322	1
16	Animus	B1 (Qualis)	BR	2005 - Atualidade	v.6, n.12 - v.15, n.30	256	4
17	Brazilian Journalism Research (BJR)	B1 (Qualis)	BR	2005 - Atualidade	v.3, n.1 - v.12, n.3	279	4
18	Ciberlegenda	B1 (Qualis)	BR	1998 - Atualidade	n.17 - n.34	191	1
19	Comunicação e Inovação	B1 (Qualis)	BR	2006 - Atualidade	v.8, n.14 - v.17, n.35	186	1
20	Comunicação e Sociedade (Metodista)	B1 (Qualis)	BR	1991 - Atualidade	v.28, n.47 - v.38, n.3	233	7
21	Conexão - Comunicação e Cultura	B1 (Qualis)	BR	2005 - Atualidade	v.6, n.11 - v.15, n.30	207	2
22	Contemporânea	B1 (Qualis)	BR	2003 - Atualidade	v.5, n.1 - v.14, n.3	280	2
23	Contracampo	B1 (Qualis)	BR	1997 - Atualidade	n.16 - v.35, n.3	222	2
24	Eco - Pós	B1 (Qualis)	BR	2002 - Atualidade	v.10, n.1 - v.19, n.3	339	4
25	EPTIC	B1 (Qualis)	BR	1999 - Atualidade	v.9, n.1 - v.18, n.3	340	2
26	Estudos em Jornalismo e Mídia	B1 (Qualis)	BR	2004 - Atualidade	v.4, n.1 - v.13, n.2	314	10
27	Intexto	B1 (Qualis)	BR	1997 - Atualidade	n.16 - n.37	295	4
28	Linc em Revista	B1 (Qualis)	BR	2005 - Atualidade	v.30, n.1 - v.12, n.2	289	1
29	Linguagem em (Dis)curso	B1 (Qualis)	BR	2000 - Atualidade	v.7, n.1 - v.16, n.3	218	3
30	Lumina	B1 (Qualis)	BR	2007 - Atualidade	v.1, n.1 - v.10, n.3	301	2
31	Mídia & Jornalismo	B1 (Qualis)	PT	2002 - Atualidade	n.10, Ano 6 - v.16 n. 29	193	27
32	Organicom	B1 (Qualis)	BR	2004 - Atualidade	v.4, n.6 - v.13, n.35	270	1
33	Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos	B1 (Qualis)	BR	2004 - Atualidade	v.9, n.1 - v.18, n.3	224	1
34	Sociedade e Cultura	B1 (Qualis)	BR	1998 - Atualidade	v.10, n.1 - v.19, n.2	271	1
						10006	135

Tabela 1 – Caracterização geral do *corpus* de estudo (período de análise: 2007-2016). Fonte: Elaboração própria a partir de *Web of Science* (<https://apps.webofknowledge.com/>), *Scopus* (<https://www.scopus.com/>), *Qualis* (<https://sucupira.capes.gov.br/>) e dos respetivos *websites* das revistas.

Depois de termos identificado as revistas a analisar, procedemos à seleção dos artigos, considerando para o efeito, os mecanismos de busca interna de cada um dos sites das publicações, onde introduzimos os seguintes termos de pesquisa: “*framing*”, “*framing theory*”, enquadramento”, “teoria de enquadramento” e “*encuadre*”. Para serem considerados, os artigos deveriam ter pelo menos um dos termos de pesquisa no título, resumo e/ou palavras chave. Verificámos, no entanto, que os motores de busca consideraram outros artigos que apresentavam alguns dos termos pesquisados, por exemplo, no corpo do texto. Nesse sentido, como forma de garantir maior fiabilidade na seleção da amostra, todos os resultados apresentados pelos motores de busca foram analisados. No final, integraram a amostra os trabalhos científicos que abordavam, de forma mais ou menos exaustiva, a teoria do enquadramento, num total de 135 artigos.

Explicados os procedimentos para a seleção da amostra, prosseguimos com os critérios utilizados para a operacionalização da análise, apresentando, de forma sucinta, as categorias utilizadas na codificação dos artigos. No total foram consideradas nove categorias para a análise de cada um dos artigos, contando cada uma com um conjunto distinto de variáveis, como explicamos de seguida. A primeira variável é sobretudo operacional, uma vez que serve apenas para registarmos o número da unidade de análise ou artigo. Na segunda variável identificamos o ano de publicação do artigo, tendo em conta o período de análise considerado, ou seja, entre 2007 e 2016. O terceiro campo de análise é um dos mais importantes, uma vez que nele identificamos em que revista foi publicado o artigo. A cada revista é atribuído um código (ver Tabela 1), por forma a facilitar o registo quanto à origem do tra-

balho. Depois de identificarmos a revista, na variável seguinte assinalamos o idioma do artigo, considerando que as publicações analisadas aceitam textos não apenas em português, mas em diferentes línguas, para além de, em muitos casos, publicarem os trabalhos em dois idiomas. Assim, consideramos como variáveis de análise, para além do português, o espanhol, o inglês, bem como diferentes combinações entre estes idiomas. Observamos ainda a possibilidade de existirem artigos publicados noutras línguas. Na quinta categoria identificamos e registamos o país ou região onde se situa a universidade ou centro de pesquisa ao qual pertencem os autores do artigo em análise. Neste campo foram considerados para além de Portugal e Brasil, países cujo idioma é apresentado como opção para submissão de artigos por parte das revistas, o que resultou na integração dos seguintes países: Espanha, Colômbia, Chile, México e ainda uma categoria genérica para outros países latino-americanos. Por outro lado, considerámos também a possibilidade de autores de outros países da América do Norte, bem como da Europa, publicarem nestas revistas. Diretamente ligada a esta categoria, nas variáveis seguintes registámos o número de autores que assinam o artigo, o nome completo de cada um, bem como o nome da universidade e/ou centro de investigação ao qual os autores estão associados, seguindo para o efeito os textos de apresentação inseridos nos artigos. Por fim, encerramos as categorias de análise com a identificação do número total de palavras do artigo (em formato PDF), medido automaticamente com a ferramenta on-line: <http://countwordsfree.com/>. No caso de os artigos terem diferentes versões, em função dos diferentes idiomas, é selecionada para a aplicação desta variável, a versão que se encontra escrita em português. Explicadas as categorias, importa ainda assinalar que o registo de cada uma das categorias e respetivas variáveis foi feito através de uma ficha de codificação e os dados introduzidos no programa de tratamento estatístico SPSS. Por outro lado, recordamos também que o processo de codificação cumpriu os requisitos de objetividade e fiabilidade, ou seja, todas “as categorias foram bem definidas”, assim como “os índices e indicadores que determinam a entrada de um elemento nas categorias”, afastando a possibilidade de “distorções devido à subjetividade dos analistas” e garantindo, portanto, o resultado independente dos codificadores (Coutinho, 2015, p. 221). Encerramos assim a apresentação dos procedimentos metodológicos seguidos neste trabalho, tendo em conta a necessidade de seleção das revistas e dos artigos a analisar, mas também a importância de definir as categorias e variáveis que permitem recolher dados sobre cada um dos artigos. No ponto seguinte apresentamos os principais resultados que extraímos a partir dos dados recolhidos, procurando, através deles, encontrar respostas para as perguntas de investigação colocadas e indo ao encontro dos objetivos traçados para o trabalho.

Apresentação e discussão dos resultados

Neste ponto procuramos apresentar os principais resultados que os dados recolhidos nos permitiram obter. Tentaremos articular a nossa exposição com as questões de investigação colocadas, mas também com a revisão teórica realizada, onde considerámos as origens da teoria do *framing* e a sua utilização enquanto marco teórico nos

estudos realizados em Portugal e no Brasil.

Começamos a apresentação dos resultados realçando o número de artigos que utilizam a teoria do *framing*. No período em análise, ou seja, de 2007 a 2016, foram publicados, nas revistas analisadas, 135 artigos com base nesta teoria, o que corresponde a 1,35% da produção total das revistas melhor classificadas em termos de impacto em Portugal e no Brasil. Observámos o número total de artigos publicados, mas importa também considerarmos como evoluiu a publicação ao longo do tempo (Gráfico 1).



Gráfico 1 – Timeline anual do número de artigos sobre *framing* (período 2007-2016). Fonte: elaboração própria

Os dados apresentados no gráfico permitem-nos perceber como tem sido a evolução, em termos cronológicos, da produção científica desenvolvida em torno da teoria do *framing*. Num primeiro momento, podemos verificar que a média de artigos publicados por ano nas revistas dos dois países é de $M = 13,5$, um número particularmente revelante, sobretudo se tivermos em conta a multiplicidade de teorias que existem neste campo de estudo e o facto de a própria teoria do enquadramento ter, nas suas origens, concetualizações distintas. Numa análise mais detalhada dos dados, observamos também que a produção científica se manteve constante nos quatro primeiros anos do período em análise, tendo sofrido variações nos três anos seguintes, sendo sobretudo em 2011 e 2013 que se registam os números mais baixos em termos de artigos publicados sobre *framing*, com apenas oito artigos publicados em 2011 e seis em 2013 no conjunto dos dois países. Em 2014, depois do ano que apresenta os valores mais baixos em termos de publicação, regista-se um pico no que diz respeito à produção de artigos que recorrem à teoria do enquadramento, essa tendência de crescimento mantém-se até ao final do período em análise e acreditamos mantém-se até à atualidade. O gráfico permite-nos também verificar que ao longo do período analisado o número de artigos publicados no Brasil é sempre superior ao publicado em Portugal, registando-se uma coincidência em termos dos números da publicação dos dois países apenas em 2008 e 2012.

Os dados apresentados permitem-nos assim responder à primeira questão colocada (PI_1), uma vez que nos dão conta daquela que foi a evolução em termos dos artigos publicados que utilizam a teoria do *framing* nas principais revistas de Portugal e Brasil no período entre 2007 e 2016. Apesar de algumas quebras, podemos afirmar que o número de artigos aumentou, sobretudo nos últimos anos analisados, o que nos permite considerar que o *framing* se afirmou enquanto marco teórico nos estudos de comunicação, pelo menos tendo em conta a produção e publicação científica.

Depois de analisarmos a publicação como um todo, olhamos agora para a origem dos autores dos artigos anali-

sados. No seguimento dos dados anteriores registamos, sem surpresas, que 56,3% dos artigos pertencem a autores brasileiros, aparecendo os investigadores portugueses como os segundos que mais publicam (23,7%) nas revistas analisadas durante o período em estudo. Os restantes artigos analisados são assinados por investigadores espanhóis (7,4%), mas também por autores de outros países da Europa (5,9%). Para além da análise da autoria, os dados recolhidos permitem-nos também estabelecer uma relação entre os países de origem das revistas onde são publicados os artigos e o uso do *framing* nesses trabalhos, indo assim ao encontro da segunda pergunta de investigação colocada neste estudo (PI₂).

Uso do Framing	% Total	País de origem	
		BR	PT
Usa-se	1,35	0,91-	4,22+
Não se usa	98,65	99,09+	95,78-
N	10006	8704	1302

-Valor estatisticamente menor (análise dos resíduos tipificados corrigidos).
+Valor estatisticamente maior (análise dos resíduos tipificados corrigidos).

Tabela 2 — Relação entre os países de origem das revistas onde são publicados os artigos e a utilização do *framing* nesses trabalhos (% coluna). Fonte: elaboração própria

Os dados apresentados na tabela permitem-nos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre as distintas opções contempladas [$\chi^2(1, N = 10006) = 92,95; p < 0,001$], ou seja, na relação entre a utilização de *framing* nos artigos e os países de origem das revistas. De um modo geral podemos observar que as revistas editadas em Portugal são aquelas que efetuam, proporcionalmente, um maior esforço na difusão do paradigma, já que 4,22% dos artigos publicados se relacionam com a teoria do enquadramento. No caso das revistas editadas no Brasil, apenas se regista 0,91% de incidência sobre o a teoria do *framing*. Podemos assim responder à segunda pergunta de investigação colocada, afirmando que o peso relativo da teoria do *framing* nas revistas científicas consideradas é maior em Portugal do que no Brasil.

Depois da origem dos autores e da relação entre o uso do *framing* e os países onde são editadas as revistas, apresentamos agora os dados relativos ao idioma dos artigos analisados. O português surge como língua da maioria dos artigos, representando 70,4% do total de trabalhos analisados, percentagem que não surpreende, tendo em conta os países de origem das revistas, cuja principal língua de publicação é efetivamente a portuguesa. No entanto, não devemos ignorar o facto de 14,1% dos artigos analisados terem sido escritos em inglês. A percentagem é relevante, sobretudo tendo em conta o esforço de internacionalização das revistas. Registámos ainda que os trabalhos escritos e publicados em duas línguas, neste caso português/inglês, representam 8,1% do total de trabalhos analisados. Na lista dos idiomas mais utilizados o espanhol surge na última posição, sendo a língua escolhida em 7,4% dos artigos. Os dados relativos ao idioma dos artigos são importantes no contexto do nosso trabalho e ganham maior relevância se considerados em relação aos países de origem das revistas.

Idioma	% Total	País de origem	
		BR	PT
Português	70,4	80+	56,4-
Outros ¹	29,6	20-	43,6+
N	135	80	55

-Valor estatisticamente menor (análise dos resíduos tipificados corrigidos).
+Valor estatisticamente maior (análise dos resíduos tipificados corrigidos).

Tabela 3 — Relação entre os países de origem das revistas onde são publicados os artigos e os idiomas em que se publicam esses trabalhos (% coluna). Fonte: elaboração própria

Os dados da tabela permitem-nos verificar que, tal como aconteceu na relação entre os países de origem das revistas e o uso do *framing* nos artigos, também aqui existem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta as opções contempladas [$\chi^2(1, N = 135) = 8,73; p < 0,01$]. Assim, o que podemos observar é que são as revistas editadas em Portugal as que efetuam, em proporção, um maior esforço de internacionalização dos seus conteúdos, uma vez que em 43,6% dos artigos publicados o idioma é o inglês ou o espanhol, comparativamente ao que acontece nas revistas brasileiras, onde apenas em 20% dos artigos se encontra outro idioma que não seja o português. Neste sentido, considerando a terceira pergunta de investigação (PI₃), onde indagámos sobre qual a língua dominante dos trabalhos que utilizam o *framing* como teoria, os dados permitem-nos afirmar que a língua dominante é o português, mas que é nas revistas de Portugal, por comparação com as brasileiras, que encontrámos mais artigos noutros idiomas, o que pode ser interpretado como um maior esforço de internacionalização por parte dos editores dessas publicações, mas também como uma maior procura destas revistas por parte de investigadores não falantes de língua portuguesa.

Continuamos a apresentação dos resultados com a análise dos dados relativos à ligação institucional dos autores dos artigos analisados. Para além do país de onde são originais, procurámos também perceber a que instituições de ensino e/ou centros de investigação estão associados os investigadores que mais publicaram sobre *framing* nas revistas analisadas, respondendo desta forma à quarta e última pergunta de investigação deste estudo.

Universidade/Centro de Investigação	País	N.º Artigos
Universidade Federal de Minas Gerais	BR	15
Universidade Federal de Santa Maria	BR	8
Universidade de Brasília	BR	7
Universidade de Coimbra	PT	5
Universidade Federal do Rio de Janeiro	BR	5
Universidade Federal da Bahia	BR	4
Universidade Federal Fluminense	BR	4
Universidade Nova de Lisboa	PT	4
Centro de Investigação Media e Jornalismo ²	PT	4
Total		56

Tabela 4 — Universidades ou centros de investigação aos quais estão associados os autores mais produtivos no campo. Fonte: elaboração própria

Na tabela apresentamos os dados relativos às universidades e/ou centros de investigação que mais se destacaram, em termos de publicação de artigos científicos que continham abordagens sobre a teoria do *framing*, nas re-

vistas analisadas durante o período estudado. Os autores associados às universidades indicadas, bem como ao centro de investigação⁹ referido, publicaram um total de 56 artigos, o que representa 41,48% do total de artigos da amostra. Entre as instituições que se destacam, seis são brasileiras e três portuguesas. Encontramos assim uma primeira resposta para a nossa última pergunta de investigação (PI₄), sendo sobretudo os autores de instituições brasileiras os que mais publicaram artigos relacionados com a teoria do *framing*. Tendo em conta que uma das categorias de análise previa o registo do nome completo dos autores, podemos ainda complementar os dados relativos à autoria dos trabalhos, com a indicação de quem foram os investigadores que se destacaram em termos de publicação no período analisado.

Nome do(a) autor(a)	Artigos como autor(a) único(a) ou principal	Artigos como coautor(a)	Total de artigos
Amaral, Márcia Franz	3	0	3
de Carvalho, Carlos Alberto	3	0	3
Motta, Luiz Gonzaga	3	0	3
Pozobon, Rejane Oliveira	3	0	3
Rothberg, Danilo	3	0	3
Vimieiro, Ana Carolina	3	0	3
Guazina, Liziane	0	3	3
Total	18	3	21

Tabela 5 – Investigadores mais profícuos na área. Fonte: elaboração própria

Os dados da tabela permitem-nos verificar que sete investigadores são autores de um total de 21 artigos, o que representa 15,55% do total de trabalhos analisados sobre *framing* entre 2007 e 2016. Importa realçar que todos os autores estão ligados a universidades brasileiras, dado que se poderá justificar pelo facto de as revistas provenientes do Brasil apresentarem 82 artigos publicados, contra os 53 das publicações científicas portuguesas. Quanto ao número de investigadores que fazem parte da autoria dos artigos, os dados descritivos apontam para uma média de $M = 1,48$ ($DP = 0,74$). Percebemos desta forma que quer os investigadores, quer as instituições brasileiras dominaram a publicação relativa ao *framing* nas revistas analisadas durante o período em estudo.

Por último, em relação à extensão dos trabalhos, o número médio de palavras é de $M = 7971$ ($DP = 2509$). De referir que a ferramenta online usada para a contagem considera todas as palavras do ficheiro, desde o título até às referências bibliográficas.

Encerramos assim a apresentação dos principais resultados que nos permitiram encontrar respostas para as perguntas de investigação colocadas, ao mesmo tempo que nos ajudaram a perceber que o uso da teoria do *framing* tem sido crescente no contexto dos dois países em estudo, Portugal e Brasil, seguindo aliás a tendência verificada no vasto campo de estudos da comunicação. No ponto seguinte tecemos algumas considerações finais que, neste trabalho, devem ser entendidas sobretudo como uma proposta de reflexão sobre os resultados encontrados num estudo que privilegiou uma abordagem comparativa.

Considerações finais

Iniciámos este estudo com um objetivo bem definido, que passava por realizar uma análise comparativa entre as tendências de publicação de dois países, Portugal e Brasil, tendo em conta o uso da teoria do *framing* nos artigos publicados nas principais revistas de comunicação entre os anos de 2007 e 2016. Para alcançarmos o nosso objetivo empreendemos uma análise bibliométrica, ou seja, recorremos à quantificação e ao tratamento estatístico para podermos recolher dados que nos permitissem avaliar como tem sido feita a divulgação científica num determinado campo de estudo. Chegados ao final do trabalho, entendemos que cumprimos o objetivo inicial, não apenas porque os dados nos permitem efetivamente estabelecer uma comparação em relação à forma como a teoria do enquadramento foi privilegiada, nos artigos publicados nas revistas de cada um dos países, mas também porque estamos agora em condições de perceber melhor quem são os autores desses trabalhos, a que instituições de ensino estão associados, que idiomas escolhem para divulgarem os resultados das suas investigações. No seu conjunto, estes dados contribuem para que se tenha uma melhor perceção do crescimento de um determinado marco teórico, neste caso em particular, permitem-nos compreender como a teoria do *framing* se expandiu, tornando-se hoje uma das principais abordagens teóricas nos estudos da área da comunicação.

Assim, nestas considerações finais gostaríamos de começar por realçar que os resultados obtidos nos ajudaram a confirmar a ideia com que partimos para este trabalho, a de que a publicação científica no campo das Ciências da Comunicação sobre a teoria do enquadramento (*framing*) tem vindo a crescer, à semelhança do que se verifica noutros países, também em Portugal e no Brasil. Durante o período analisado, entre 2007 e 2016, verificámos um aumento progressivo de trabalhos relacionados, de forma mais ou menos explícita, com a teoria do enquadramento, aumento que se revelou particularmente significativo nos três últimos anos de análise e que acreditamos se continua a registar atualmente. Este crescimento das publicações que abordam o *framing* resulta dos artigos publicados nas revistas dos dois países, mas não podemos deixar de notar, como uma das considerações finais do trabalho, que existe uma diferença significativa em relação ao peso da teoria nas revistas científicas editadas nos dois países. É em Portugal que, proporcionalmente, encontramos as revistas que empreendem um maior esforço na difusão do paradigma.

Neste contexto, são também as revistas editadas em Portugal que efetuam, em proporção, um maior esforço de internacionalização dos seus conteúdos, com uma percentagem importante dos artigos a serem redigidos em inglês ou espanhol. Comparativamente, as publicações brasileiras apresentam menos de metade da percentagem de artigos escritos em outras línguas, o que por um lado pode ser interpretado como uma forma de preservar a divulgação científica na própria língua (cf. Gradim & Piñeiro-Naval, 2019; Gradim & Moraes, 2016), mas por outro pode significar que os investigadores estrangeiros não privilegiam estas revistas para publicar as suas investigações sobre *framing*. Tendo em conta que neste artigo considerámos apenas as revistas melhor classificadas nos *rankings* de publicação, a primeira hipótese ganha mais

força, sobretudo tendo em conta a dimensão do Brasil, a comunidade de investigadores do país e a própria comunidade de falantes de língua portuguesa. Ainda assim, e considerando Brasil e Portugal conjuntamente, no que concerne aos idiomas de publicação, o português surge como a língua utilizada na larga maioria da amostra, seguindo-se os artigos escritos em inglês. Surgem depois os trabalhos redigidos em dupla versão português/inglês e, por último, o espanhol surge como o idioma utilizado na menor percentagem de artigos.

Quanto ao número médio de autores, os dados revelam uma propensão para a autoria singular, o que se pode ficar a dever à tendência manifesta de utilização de teorias qualitativas, em detrimento de estudos empíricos de tipo quantitativo, que implicam sempre a co-autoria, ao contrário dos primeiros. Quer em relação às universidades e/ou centros de investigação, quer relativamente aos autores, os mais profícuos são os de origem brasileira.

Em suma, se por um lado - e à luz da natural fragmentação teórica no vasto campo das Ciências da Comunicação -, a já citada percentagem de 1,35% de artigos científicos dedicados à teoria do enquadramento merece ser relevada, acreditamos que o aumento progressivo verificado nos últimos anos do estudo pode constituir-se como uma pista a ter em conta quanto ao futuro da investigação, não apenas em Portugal e no Brasil, mas no contexto lusófono de forma mais ampla, sobre este importante preceito teórico e que pode, inclusivamente, indiciar um interesse crescente dos investigadores acerca da teoria, devendo esta percentagem subir nos próximos anos.

Referências

ARAÚJO, B. & PRIOR, H. (2020). Framing Political Populism: The Role of Media in Framing the Election of Jair Bolsonaro. **Journalism Practice**, 1-17. <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1709881>.

ARAÚJO, C.A.A. & MELO, M.O.T. (2011). "Análise dos quinze anos do periódico *Perspectivas em Ciência da Informação*". **Perspectivas em Ciência da Informação**, 16 (4), 243-256. <https://doi.org/10.1590/S1413-99362011000400015>.

ARDÈVOL-ABREU, A. (2015). "Framing o teoría del encuadre en comunicación. Orígenes, desarrollo y panorama actual en España". **Revista Latina de Comunicación Social**, 70, 423-450. <https://doi.org/10.4185/RLCS-2015-1053>.

BATESON, G. (1972). "A theory of play and fantasy". **Psychiatric research reports**, 2, 39-51. New Jersey: Janson Aronson Inc.

BELIN, L. L. (2019). "Das ruas para a mídia: o assassinato de uma mulher em situação de rua no Rio de Janeiro e seu enquadramento midiático". **Estudos em Jornalismo e Mídia**, 16(1), 133-144. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n1p133>

BRUM, W. P., CUNHA, J. S. & PIANEZZOLA, V. H. G. (2016). "A revista *Perspectivas em Ciência da Informação* e seu panorama científico no período 2010 a 2014". **Perspectivas em Ciência da Informação**, 21 (3), 204-221. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2651>.

BRYANT, J., & MIRON, D. (2004). "Theory and Research in Mass Communication". **Journal of Communication**, 54(4), 662-704. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2004.tb02650.x>.

CACCIATORE, M. A., SCHEUFELE D. A. & IYENGAR, S. (2016). "The End of Framing as we Know it ... and the Future of Media Effects". **Mass Communication and Society**, 19(1), 7-23. <https://doi.org/10.1080/15205436.2015.1068811>.

CAMPOS, M. M. de, COIMBRA, M. R. & OLIVEIRA, L. A. de, (2019). "O Enquadramento do Jornal Folha de S. Paulo na crise política brasileira. Um estudo comparativo dos governos Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB)". **Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) e-Com**, 12(1), 5-27. Disponível em [URL] <https://bit.ly/2MWMR9W>. Acesso em: 11-06-2020.

CAPPELA, J. & JAMIESON, K. (1997). **Spiral of cynicism: the Press and the Public Good**. New York: Oxford University Press.

CASTILHO, F. & ROMANCINI, R. (2018). "Minas de luta na mídia: enquadramentos e percepções das ocupações escolares em São Paulo". **Brazilian Journalism Research**, 14 (1), 282-305. <https://doi.org/10.25200/BJR.v14n1.2018.1054>.

- CASTILLO, S. S. (2016). "Estudio empírico-conceptual de la crisis económica y cultural en la prensa española". *Observatorio (OBS)*, 10 (3), 41-55. <https://doi.org/10.15847/obsOBS1032016992>
- COGO, D. & SILVA, T. (2016). "Entre a "fuga" e a "invasão": alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira". *Famecos*, 23 (1), 1-21. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.1.21885>.
- CORREIA, J. C. (2016). "Prefácio – Panorama Geral dos Estudos de Framing". In: A. Gradim. *Framing, o enquadramento das notícias* (pp. 7-14). Lisboa: Livros Horizonte, 2016.
- COUTINHO, C. P. (2015). *Metodologia de investigação em ciências sociais humanas: teoria e prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- DE VREESE, C. H. (2002). *Framing Europe. Television news and European integration*. Amsterdam: Aksant Academic Publishers.
- DE VREESE, C. H. (2005). "News framing: Theory and typology". *Information Design Journal* 13(1), 51-62. <https://doi.org/10.1075/idjdd.13.1.06vre>.
- ENTMAN, R. M. (1993). "Framing: toward a clarification of a fractured paradigm". *Journal of Communication*, 43(4): 51-58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>.
- GAMSON, W. A., & MODIGLIANI, A. (1989). "Media discourse and public opinion on nuclear power: A constructionist approach". *American Journal of Sociology*, 95, 1-37.
- GAMSON, W.A., & MODIGLIANI, A. (1987). "The Changing Culture of Affirmative Action". *Research in Political Sociology*, 3, 137-177.
- GOMES, M. (2017). "O conceito de enquadramento noticioso nos estudos publicados em periódicos científicos (2013-2016)". In: *XI Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação - Intercom*, Curitiba. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Axg0px>. Acesso em: 12-05-2018.
- GOFFMAN, E. (1986). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*, Cambridge: Harvard University Press.
- GRADIM, A. (2016). *Framing, o enquadramento das notícias*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GRADIM, A. & MORAIS, R. (2016). "Tendências atuais na publicação científica: o português como língua de ciência". *Observatorio (OBS*) Journal*, 10 (3), 119-134. <https://doi.org/10.15847/obsOBS10320161016>
- GRADIM, A. (2017). "Para uma leitura semiótica das teorias de framing: reinterpretando o enquadramento com base na categoria peirceana de terceiridade". *Revista Galáxia*, 35, 21-31. <https://doi.org/10.1590/1982-2554127832>.
- GRADIM, A. & PIÑEIRO-NAVAL, V. (2019). "Policies for Portuguese and Spanish: the world's second publication language in Web of Science". *Informação & Sociedade: Estudos*, 29(2), 145-160. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2019v29n2.3827>
- IYENGAR, S. (1991). *Is anyone responsible? How television frames political issues*. Chicago: University of Chicago Press.
- LIMA, H. & TEIXEIRA, P. (2015). "Impactos da Revolução de 1974 nas primeiras páginas dos diários portugueses". *Revista Media & Jornalismo - Número Especial - V Seminário CIMJ*, Especial: 329-342.
- LOPES, S., COSTA, M., FERNÁNDEZ-LLIMÓS, F., AMANTE, M. & LOPES, P. (2012). "A Bibliometria e a Avaliação da Produção Científica: indicadores e ferramentas". *Actas dos Congressos de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*, no 11. Disponível em [URL] <https://bit.ly/3e43yfu>. Acesso em: 11-06-2020.
- MANGANA, R. (2018). "Aylan Kurdi como imagem-despertador da crise dos refugiados: o enquadramento da imprensa ibérica". *Estudos em Comunicação*, 26 (2), 61-79. <https://doi.org/10.20287/ec.n26.v2.a05>.
- MARTÍNEZ-NICOLÁS, M., & SAPERAS, E. (2016). "Objetos de estudio y orientación metodológica de la reciente investigación sobre comunicación en España (2008-2014)". *Revista Latina de Comunicación Social*, 71, 1365-1384. <https://doi.org/10.4185/RLCS-2016-1150es>.
- McCOMBS, M., & GHANEM, S. I. (2001). "The Convergence of Agenda Setting and Framing". In S. Reese, O. Gandy & A. Grant (Eds.), *Framing Public Life. Perspectives on Media and Our Understanding of the Social World* (pp. 67-81). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- MENDONÇA, R. F. & SIMÕES, P. G. (2012). "Enquadramento. Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27 (79), 187-235.
- MERRY, M. L. (2020). *Warped Narratives: Distortion in the Framing of Gun Policy*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- MITOZO, I. B., COSTA, G. & RODRIGUES, C. (2020). "Como os media incorporam declarações de atores políticos nas redes? Uma análise do enquadramento dos tweets de Jair Bolsonaro pelo jornalismo impresso brasileiro". *Brazilian Journalism Review*, 16(1), 156-183. <https://doi.org/10.25200/BJR.v16n1.2020.1256>
- MOURA, A. M. M., FILIPPO, D., SÁNCHEZ, M. L. L., VANZ, S. A. S. & CAREGNATO, S. (2015). "Panorama da produção conjunta entre Brasil e Espanha indexada na WoS entre 2016-2012: indicadores de atividade, especialização e colaboração". *Informação e Sociedade: Estudos*, 25 (1), 67-82.

- MUGNAINI, R., DIGIAMPIETRI, L. A. & MENA-CHALCO, J. P. (2014). "Comunicação científica no Brasil (1998-2012): indexação, crescimento, fluxo e dispersão". *Transinformação*, 26 (3), 239-252. <https://doi.org/10.1590/0103-37862014000300002>.
- NATANSOHN, L. G. & BRITO, J. L. de (2019). "Feminicídio: a cobertura da Folha de S. Paulo a partir da Teoria do Enquadramento". *Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo*, 6(2), 70-89. Disponível em [URL] <https://bit.ly/3e08TVb>. Acesso em: 11-06-2020.
- OSINSKI, M., ROMAN, D. J. & SELIG, P. M. "Compartilhamento de conhecimento: estudo bibliométrico das publicações acadêmicas realizadas de 1994 a 2014". *Perspectivas em Ciência da Informação*, 20 (4), 149-162, 2015. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2512>.
- PAN, Z., & KOSICKI, G. M. (1993). "Framing analysis: An approach to news discourse". *Political Communication*, 10(1), 55-75. <https://doi.org/10.1080/10584609.1993.962963>
- PATTERSON, T. (1994). *Out of Order*. New York: First Vintage Books Edition.
- PATTERSON, T. (1980). *The Mass Media Election: How Americans Choose Their President*. New York: Praeger Special Studies.
- PEREIRA, M. A. L. (2019). "Crise econômica e financeira: o enquadramento da sétima avaliação da troika ao programa de ajustamento português no Jornal de Negócios". *Estudos em Comunicação*, 28 (1), 1-30. <https://doi.org/10.25768/fal.ec.n28.a01>.
- PIÑEIRO-NAVAL, V. & MANGANA, R. "Teoría del Encuadre: panorámica conceptual y estado del arte en el contexto hispano". *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 24 (2), 1541-1557, 2018. <https://doi.org/10.5209/ESMP.62233>.
- PIÑEIRO-NAVAL, V. & MANGANA, R. "La presencia del framing en los artículos publicados en revistas hispanoamericanas de comunicación indexadas en Scopus". *Palabra Clave*, 22 (1), 117-142, 2019. <https://doi.org/10.5294/pacla.2019.22.1.6>.
- PORTO, M. (2004). "Enquadramentos da Mídia e Política". In A. C. Rubim (Org.), *Comunicação e Política: Conceitos e abordagens* (pp. 73-104). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- PRUDENCIO, K. & JUNIOR, J. G. S. (2015). "A comunicação política das micromobilizações na Internet a partir da observação do Hip Hop em Curitiba". *E-Compós*, 18 (2). <https://doi.org/10.30962/ec.v18i2.1136>.
- ROTHBERG, D. (2014). "Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes". *Opinião Pública*, 20 (3), 407-424. <https://doi.org/10.1590/1807-01912014203407>.
- SAMPAIO, R. C., FONTES, G. S. & FERRACIOLI, P. (2017). "Molduras de uma tragédia anunciada: enquadramentos do desastre de Mariana". *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 40 (3), 55-72. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201734>.
- SAMPAIO, R. C., RIZZOTTO, C., DRUMMOND, D. R., ROCHA, C. F., WASHINGTON, B. N. & MARIOTO, D. J. F. (2020). "Enquadramento noticioso e construção narrativa do impeachment de Dilma Rousseff nos jornais Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo e O Globo". *Revista Debates*, 14 (1), 110-131. <https://doi.org/10.22456/1982-5269.88470>
- SAPERAS, E. & CARRASCO-CAMPOS, A. (2018). "Journalism research: a dominant field of communication research in Spain. A meta-research on Spanish peer-reviewed journals (2000-2014)". *Estudos em Comunicação*, 26 (1), 281-300. <https://doi.org/10.20287/ec.n26.v1.a16>.
- SARMENTO, R. (2019). "Análise de enquadramento e epistemologia feminista: discutindo implicações metodológicas". *Revista Teoria & Pesquisa*, 28 (3), 97-117. <https://doi.org/10.31068/tp.28305>
- SCHEUFELE, D. (1999). "Framing as a theory of media effects". *Journal of Communication*, 49 (1), 103-122. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1999.tb02784.x>
- SCHMIDT, L., HORTA, A. & PEREIRA, S. (2014). "O desastre nuclear de Fukushima e os seus impactos no enquadramento midiático das tecnologias de fissão e fusão nuclear", *Ambiente e Sociedade*, 17 (4), 233-250. <https://doi.org/10.1590/1809-4422ASO-Cex003V1742014>.
- SCHUTZ, A. (1979). *Fenomenologia e Relações Sociais - textos escolhidos de Alfred Schutz*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- SEMETKO, H. & VALKENBURG, P. M. (2000). "Framing European Politics: A Content Analysis of Press and Television News". *Journal of Communication*, 50(2), 93-109. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2000.tb02843.x>
- SILVA, E. L., TAVARES, A. L. L. & PEREIRA, J. P. S. (2010). "O estado da arte da pesquisa sobre comunicação científica (1996-2006) realizada no Brasil no âmbito da ciência da informação". *Transinformação*, 22 (3), 207-223. <https://doi.org/10.1590/S0103-37862010000300002>.
- TUCHMAN, G. (1978). *Making News, a Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press.
- TUCHMAN, G. (2002). "As notícias como uma realidade construída" In: J. Esteves Pissara (Org.) *Comunicação e Sociedade - Os efeitos dos meios de comunicação de massa*. (p. 102. Lisboa: Livros Horizonte.
- VALKENBURG, P., SEMETKO, H. A. & DE VREESE, C. H. (1999). "The Effects of News Frames on Readers' Thoughts and Recall". *Communication Research*, 26(5), 550-569. <https://doi.org/10.1177/009365099026005002>

VAN GORP, B. (2007). "The constructionist approach to framing: bringing culture back" in **Journal of Communication**, 57 (1): 60-78.

<https://doi.org/10.1111/j.0021-9916.2007.00329.x>.

WEAVER, D. (2007). "Thoughts on agenda setting, framing and priming". **Journal of Communication**, 57 (1): 142-147.

<https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00333.x>.